
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

SEXUALIDADE E IDENTIDADES CONFLITANTES EM ACENOS E AFAGOS, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Michele de Oliveira Jimenez (Unioeste/CAPES)
e Regina Coeli Machado e Silva (Unioeste)
michelejimenez17@hotmail.com

RESUMO: Um dos principais temas de *Acenos e afagos* (2008), do escritor João Gilberto Noll, é a identidade incerta do personagem João Imaculado. Estreitamente vinculada à sexualidade, essa identidade no romance é descrita como experiências inquietantes por não se ater nem a heterossexualidade, nem a homossexualidade. O personagem vive a tensão de uma masculinidade problemática, como sugeriu Giddens (1993) ao mesmo tempo determinante e condicionada por interações que o definem como marido, pai de adolescente e parceiro homossexual. Queremos mostrar esse tema como parte de uma problematização mais ampla da sexualidade nas sociedades contemporâneas, na qual a literatura brasileira participa como construções imaginativas a respeito de tais possibilidades conflitantes, como na narrativa de Noll.

PALAVRAS-CHAVES: identidade homossexual; masculinidade; João Gilberto Noll.

INTRODUÇÃO

A história de dois jovens caubóis norte-americanos que se apaixonam, possuem um relacionamento sexual e afetivo entre os anos de 1963 e 1981, embora não assumam o relacionamento homossexual, mantendo as expectativas das suas interações como homens casados, é o tema do filme *O segredo de Brokeback Mountain* (Lee 2005). Adaptação do conto homônimo de Annie Proulx, o filme ganhou três Oscar (direção, roteiro adaptado e trilha sonora), além do Globo e Leão de Ouro e vários outros prêmios. Apesar da crítica especializada fazer elogios ao filme, ele foi censurado em alguns países: Bahamas, China e Turquia. Nos Estados Unidos, o Conselho de Educação de Chicago foi processado porque uma professora, em Illinois, assistiu, junto com seus alunos, ao filme, causando revolta nos avós de uma adolescente de 12 anos.

Isso leva a uma indagação: por que tantas reações discordantes diante deste tipo de masculinidade? Por outro lado, a masculinidade identificada pela homossexualidade não é uma discussão contemporânea. Em 1895, *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha, também causou consternação ao público e à crítica, ao descrever uma relação homossexual entre dois homens. O que mudou, talvez, foi o aumento da sensibilidade coletiva quanto a esses temas, motivada pelas transformações no campo da sexualidade, eixo em torno do qual gravitaram tanto os movimentos sociais quanto o desenvolvimento de novos conhecimentos e novas tecnologias. Desse modo, problematizar a masculinidade sob esse prisma torna-se compreensível, do mesmo modo que ela é também tema de romances contemporâneos, como se vê no personagem João Imaculado, por meio de sua identidade hetero/homossexual, que ele assume/nega em *Acenos e Afagos* (2008), objeto de interesse deste artigo. Esse romance foi escrito por João Gilberto Noll, escritor gaúcho, tendo sido publicado em 2008. O romance foi vencedor de dois prêmios: *Portugal Telecom 2009* e *Fato Literário 2009*. Para isto, apresentamos, primeiro, um panorama da discussão sobre a crise da masculinidade na sociedade contemporânea, enfocando o papel que a homossexualidade ocupa em tal problematização e, depois, tentamos mostrar como aparece no romance *Acenos e Afagos* (2008).

MASCULINIDADES PROBLEMÁTICAS

A ideia de que a masculinidade vem sendo posta em xeque é também vivenciada na sociedade contemporânea, pois os “homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma ‘masculinidade’ problemática” (Giddens 1993: 70). Segundo Sérgio Carrara (2009), a masculinidade está em crise desde o século XIX, quando havia o questionamento, por parte de algumas mulheres, da condição de subordinação diante dos homens. Entretanto, a desigualdade entre homens e mulheres era justificada pela hierarquia natural, advinda das diferenças biológicas. De acordo com este o autor, vive-se um momento crucial neste processo, em que a dominação masculina no mundo ocidental vem sendo cada vez mais questionada.

Dando significado à ideia de que a construção da masculinidade é relacional, ela vem sendo problematizada pelo advento do feminismo, do reconhecimento de outros gêneros de sexualidade, da desvinculação entre sexo e gênero, da separação entre sexualidade e reprodução biológica, e, principalmente, pela independência das mulheres. Isso “provoca la crisis en la identidad masculina, pues, al tener los hombres introyectado imágenes que los colocan en el centro de las decisiones de la pareja, no pueden comprender, muchas veces, que las mujeres tengan proyectos más allá de su trabajo rutinario y el espacio privado” (Bourdieu, Rodríguez & Montesinos 1998: 135).

E, então, pode-se perguntar: quais seriam as identidades masculinas na sociedade contemporânea, ou melhor, haveria um tipo de masculinidade predominante? O homem da sociedade contemporânea deve assumir “su nuevo rol social y supere el

proceso de modernización que exige la aceptación y práctica de relaciones genéricas equilibradas” (Bourdieu, Rodríguez & Montesinos 1998: 141). Mas, tal prática não parece muito simples quando se observam as razões pelas quais essa proposição pode ser feita.

De acordo com Carrara (2009), a emergência de estudos sobre masculinidade é um sintoma de um processo mais amplo de desarticulação do poder/dominação masculina, da crise que Bourdieu, Rodríguez & Montesinos discutem em *La masculinidad: aspectos sociales e culturales*. A partir de 1990 os homens são vistos como homens particulares e não mais como sujeitos universais ou detentores das marcas de gênero (Carrara 2009). São três planos em que ocorre a corrosão da dominação/poderio masculino: o primeiro é o político, ligado à sociedade civil e aos movimentos sociais: de gays e de feministas, por exemplo; o segundo é o mercado e o trabalho, a necessidade de “ser alguém”, sob esse ponto de vista, provar eficiência e capacidade; e o terceiro é o plano do Estado, que estabelece normas e leis e submete, “igualmente” tanto homens como mulheres, visto que, como promulga a *Constituição Federal*, todos são iguais e possuem o mesmo direito perante à lei (Carrara 2009).

Em sua palestra “Masculinidades em crise no mundo atual”, Carrara apresenta um retrospecto de como a masculinidade foi se modificando de acordo com as próprias mudanças sociais. Nesse sentido, não considera que hoje haja um *boom* sobre os estudos da masculinidade, mas, sim, que o homem deixou de ser considerado um ser universal, e que existe a visibilidade dessa identidade de gênero, que era oculta, justamente, por não ser questionada e englobar o gênero feminino. E não é, somente, a visibilidade heterossexual. A homossexual também ganha destaque e proporções na sociedade contemporânea.

Essa mesma avaliação sobre a identidade de gênero foi feita por Barcellos (2009) na narrativa literária, quando concluiu com a ideia de que não era necessário descrever os homens, nos textos literários do século XIX, pois todos (o autor e o público) sabiam o que era “ser homem”, como algo natural, enquanto que as descrições femininas eram mais floreadas e cheias de retórica.

Tal visibilidade de gênero, segundo Carrara (2009), é objeto de reflexão recente. Nem mesmo as ciências consideradas como sendo um exercício de predominância de pesquisadores masculinos, como as biomédicas, arriscavam-se neste tema, pois o homem era visto como o ser universal, o representante legal da espécie, tanto de si próprio, como das mulheres no mundo público, nos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais: “os sentimentos do homem estariam assim vinculados ao espaço público e ao papel que, nesse espaço, lhe cabe desempenhar” (Barcellos 2009: 61). Todavia, a identidade de gênero permaneceria oculta.

Uma das conseqüências da visibilidade da identidade de gênero foi, ironicamente, o que provocou sua própria fragmentação, sua crise. Não existe mais masculinidade, mas sim *masculinidades* (Carrara 2009). As masculinidades se constituem com muitos marcadores de identidade, tais como a idade, a raça, e a orientação sexual, e não somente como oposição ao sexo feminino.

A crise na masculinidade pode ser observada pela autonomização do gênero, que pressupõe as masculinidades como um estilo de vida, que podem ser incorporados em corpos femininos e homossexuais. E aqui se torna mais clara a dissociação entre sexo e gênero, tão importante aos estudos feministas (Butler 2003). Um dos resultados é que o posto de provedor e organizador da vida familiar não é mais exclusividade dos homens, e a identidade heterossexual não é a única possível para a noção de masculinidade. Entretanto, os homens, a grande maioria, não conseguem se desprender da posição hegemônica, muito mais pela pressão social que por vontade própria (Giddens 1993), hipótese, também, confirmada por Bourdieu (1999).

Em seu livro *A dominação masculina* (publicado na França em 1998), ao descrever e analisar a sociedade da Cabília, região montanhosa do norte da Argélia, Bourdieu demonstra como a dominação masculina e heterossexual ainda é uma constante na sociedade ocidental. Tudo é masculino, desde a casa, chamada de domínio das mulheres, até a divisão social do trabalho e a divisão sexual. A divisão sexual é explicada pela “diferença *biológica* entre os sexos, isto é, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho” (Bourdieu 1999: 20, grifos do autor). Tal dominação masculina faz com que “o machismo (seja) apresentado como um sistema de valores norteadores de uma cultura sobre o sexo” (Nolasco 2001: 87), e essa cultura é a hegemônica e a heterossexual. Isto eliminaria a identidade homossexual de ser representação da masculinidade.

Judith Butler argumenta, em texto publicado em 1990, que o sistema de divisão sexual binário e “natural” (entenda-se natural no sentido das diferenças biológicas entre homens e mulheres), não comporta todos os gêneros da sociedade contemporânea, e que ter um corpo com genitálias masculinas, não significa ser homem, pois o gênero é construído socialmente, visto que “ninguém nasce com um gênero – o gênero é sempre adquirido” (2003: 163). E a sexualidade também apresenta um novo papel, pois não está mais estritamente vinculado ao sexo. A autora também alerta para a crise da masculinidade entre os homens, uma vez que o homem deve provar, constantemente, para si mesmo e para sociedade, a sua masculinidade heterossexual, e a autonomia que a sociedade exige dele. A divisão sexual binária

concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (Butler 2003: 24)

Bourdieu se contrapõe a Judith Butler porque ela não concebe a dominação masculina como algo que, também, é prejudicial aos homens, visto que “os homens estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante” (1999: 63). Eles têm que ser aquilo que a sociedade concebe para eles, não podem perder

de vista o modelo do que é ser homem nesta sociedade, ou seja, um agente ativo em quase todas as dimensões sociais. Nolasco (2001) também concorda com Bourdieu (1999) quanto à permanência da categoria da masculinidade, ligada à dominação masculina por meio da violência, como sendo prejudicial aos homens, uma vez que impõe um modo/postura de agir, que nem sempre todos os homens desejam cumprir.

A masculinidade para Butler é, antes de tudo, a demanda para uma autonomia plena diante de uma imposição compulsória, por meio da heterossexualidade dominante: “assim, o conflito da masculinidade parece ser precisamente a demanda de um reconhecimento pleno de autonomia, o qual encerrará – também e todavia – a promessa de um retorno aos prazeres plenos anteriores ao recalçamento e à individualização” (2003: 76).

Por este motivo, a busca de um reconhecimento pleno de autonomia deveria estar além das definições rígidas de gêneros ao incorporar as interpretações múltiplas de sexo. Isto é, além da ideia de que “o masculino tem que ser, assim, sempre o outro da mãe”, representando o oposto ao universo feminino: força vs fraqueza; ativo vs passivo; brutalidade vs delicadeza, ou “[r]esumindo brutalmente o argumento, o masculino é aquele que tem que ser expulso; ele tem que ser afastado do feminino para poder se tornar um masculino” (Carrara 1999: 73).

Contudo, diante das transformações recentes acima apontadas, Carrara observa que o homem também não sabe como agir perante a nova ordem social, modificada, em parte, pelo advento do feminismo. Assim, tudo o que antes era valorizado como o “correto” comportamento masculino (fortaleza, intrepidez, dominação), na sociedade contemporânea não tem mais sentido. Além disso, como foi citado, não existe apenas um modelo de masculinidade ou um “estilo de masculinidade” (Carrara 2009). E uma das possíveis manifestações da masculinidade é a da homossexualidade masculina.

Essa possibilidade é claramente visível no personagem de Noll, João Imaculado, que vive uma crise de identidade, mais especificamente de orientação sexual. Afinal, no romance, não é possível definir se João Imaculado é heterossexual ou homossexual. A masculinidade e seus diversos significados tornam-se importantes para compreender o comportamento deste personagem. Neste sentido, é preciso desvincular a imagem do homossexual como o homem efeminado, e ressaltar a maneira de expressar sua identidade por meio da masculinidade assumida (Pollak 1985) ou por outras formas de sexualidade.

Pollak argumenta que devido à liberação sexual, a partir da década de 1970, a homossexualidade saiu do “domínio do não-dito” (1985: 54). Vale ressaltar que a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença em 1973, pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), mas somente em 1992 a Organização Mundial da Saúde (OMS) admite que ser homossexual não era mais uma patologia. Mesmo assim, é possível ver, em alguns pontos de seu argumento, um preconceito velado à medida que associa a masculinidade homossexual ao mercado, totalmente desvinculada da afetividade, apenas uma “troca de orgasmos por orgasmos” (Pollak 1985: 59). Ape-

sar dessa visão diminuta das relações afetivas homossexuais, Pollak pressupõe que, assim como foi feito com sexualidade e gênero, a identidade homossexual é construída socialmente, isto é,

não se nasce homossexual, aprende-se a sê-lo. A carreira homossexual começa pelo reconhecimento de desejos sexuais específicos e pelo aprendizado dos lugares e dos modos de encontrar parceiros. Esse *coming out* [manifestar-se; sair do armário] se situa mais frequentemente entre dezesseis e trinta anos Maior parte dos homossexuais já está convencida de sua preferência sexual muito antes de passar ao ato. O processo que vai do primeiro sentimento homossexual ao primeiro contato e ao momento em que o homossexual assume plenamente sua orientação sexual quase sempre se estende por vários anos, e em muitos casos dura até a idade de trinta anos. (1985: 58)

Carrara (2009) complementa a ideia de Pollak (1985) ao afirmar que era a heterossexualidade que determinava o gênero masculino. Em outras palavras, se o homem não fosse heterossexual não era homem. Não havia o conceito da existência de mais um tipo de masculinidade, ou a ideia da masculinidade como sendo uma opção. No entanto, na sociedade contemporânea “‘assumir a homossexualidade’ consiste em, antes de tudo, assumir para si um processo de resolução dos conflitos internos também descritos como ‘aceitação’” (Tarnovski 2004: 398).

No que concerne à sexualidade da masculinidade homossexual, as relações, muitas vezes, ainda seguem os modelos heterossexuais, mas há uma ideia diferente daquela proposta por Pollak (1985) de que não há vínculo afetivo, pois os “‘orgasmos com parceiros do mesmo sexo não são menos legítimos que os obtidos com parceiros do sexo oposto. Os homossexuais estão submetidos ao mesmo dever de orgasmo dos heterossexuais” (Bénjin 1985: 240), embora os relacionamentos homossexuais tendem a prezar mais a segurança. Do ponto de vista relacional, na opinião de Butler (2003) os homossexuais gays tendem a ter mais parceiros que as homossexuais lésbicas, o que reproduz o modelo heterossexual de comportamento. Para tanto,

o modo de vida que parece obter sufrágio mais numeroso é a monogamia flexível, e, eventualmente, sucessiva (isto é, uma ou duas ligações estáveis no decorrer da vida, às quais podem vir acrescentar relações passageiras). Esse modelo apresentaria o interesse de conciliar, de forma bastante harmoniosa, as vantagens da sedentaridade (a segurança afetiva, a possibilidade de aprofundar o relacionamento) com as do nomadismo (a variedade, a novidade). (Bénjin 1985: 240)

De qualquer forma, a masculinidade para o sujeito do sexo masculino (e aqueles que optaram por tal sexo) é mais que a identidade ou sua orientação sexual (Nolasco 2001), pois ela representa uma maneira de inserir-se socialmente e obter o reconhecimento da coletividade, como é possível ver no personagem de João Gilberto Noll.

ENTRE ACENOS E AFAGOS: INQUIETANTES MASCULINIDADES

A identidade sexual de João Imaculado está vinculada a sua indefinição de gênero: homossexual ou heterossexual. O personagem possui um nome masculino, no entanto, este nome não parece exercer influência sobre a orientação sexual do personagem. Vale ressaltar que *Imaculado*, significa sem manchas, sem pecado, o extremo oposto do personagem, visto que este pratica a sodomia, pecado nefando para a cultura brasileira de base cristã, basta lembrar de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19).

Para João Imaculado, o nome próprio pouco importa para a sua identidade: “eu tinha o meu sobrenome alemão” (Noll 2008: 27). Contudo, não é especificado esse sobrenome na narrativa, e o nome do personagem aparece somente na página 154 – o romance tem 206 páginas. O nome não é relevante para a construção deste personagem; em uma das resenhas sobre esse romance, intitulada “A ficção cíclica de João Gilberto Noll: uma leitura de *Acenos e Afagos*” de Rafael Martins da Costa (2008), o nome do personagem passa despercebido pelo autor, que o menciona como narrador-anônimo. Aliás, os nomes para os personagens de Noll são irrelevantes para a construção de suas identidades. Em *A fúria do corpo* (1997), o personagem principal também se chama João (Evangelista), mas o nome para este personagem não constituía/significava nada:

o meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. A quem? Não me queira ingênuo: o nome de ninguém não. Me chame como quiser, fui consagrado a João Evangelista, não que meu nome não seja João, absolutamente, não sei de quando nasci, nada, mas se quiser o meu nome busque na lembrança o que de mais instável lhe ocorrer. O meu nome de hoje poderá não me reconhecer amanhã. Não soldo portanto minha cara a um nome preciso. João Evangelista diz que as naves do Fim transportarão identidades mas o único corpo impregnado do Um. (Noll 1997: 25)

Essa falta de singularidade, caracterizada pela não significação do nome, é definida por Sennet, em *O declínio do homem público* (1988), como a impessoalidade na vida pública, que parece ser mais evidente quando analisamos o personagem João Imaculado. Sennet observa como as pessoas se vêem desvinculadas das amarras sociais, pensando em existir apenas em si mesmas, não se importando com o destino dos demais, como por exemplo, da família. Como demonstrou Sennet, mas também Elias (1994), trata-se, antes de tudo, de uma percepção de si mesmo porque o que ocorre é que todos os indivíduos estão imersos nas interações sociais. Nesse sentido, pode-se compreender a tensão de João Imaculado em relação à sexualidade: apesar do desejo por outros homens, ele não consegue se desvencilhar dos laços que o prendem à mulher e ao filho. Ao mesmo tempo, ele não é um marido e um pai presente na família, ou melhor, ele não se sente parte integrante desse núcleo: “não tenho feito

nada a ninguém nem por mim próprio. Sou apenas mais um na sombra” (Noll 2008: 57).

Em entrevista à Livraria Cultura acerca de *Acenos e Afagos* (2008), Noll admite que o corpo é tema central, regido pela força da libido. O romance é a descrição de personagens que se entregam ao prazer carnal, última possibilidade de gozo entre eles e o mundo. O autor procura, por meio do corpo, estabelecer uma literatura metafísica, em que o objetivo é (re) constituir a relação do homem com o mundo, e Noll tenta “tratar da alma humana, fluída, flutuante” (Noll, Entrevista a Entrelinhas). É a sexualidade, por meio da libido, que comanda os fios narrativos de *Acenos e afagos* e o personagem principal: “a verdade é que, para mim, o sexo sobrepujava o resto” (Noll 2008: 74). A sua crise de identidade sexual se manifestou cedo também: “nos meus verdes anos, à hora do banho, eu subia na borda da banheira para me ver no espelho. Botava a mão fechado sobre o sexo, tapava-o para me imaginar mulher. Se eu consegui? Sim, desde que minha mão ficasse no seu posto, ajudando-me assim na súbita conversão” (Noll 2008: 104).

A problematização da sexualidade e da noção de pecado bíblica, da sociedade ocidental, expressas na narrativa de Noll, são parte do questionamento mais geral das identificações ligadas ao sexo, e de sua própria identidade masculina. No entanto, o que seria uma construção social, o narrador caracteriza como, primeiramente, pessoal, e depois social. Em seu íntimo, João Imaculado é descrito como se identificando com um homossexual. Do ponto de vista de sua vida pública e familiar, da sua vida social, deve se comportar como um homem casado e pai de um filho adolescente. Embora critique essa dupla moral em outros homens: “mas depois do serviço se metiam em buracos . . . todos de quepe, com suástica frontal sobre a aba . . . viam-se franguinhos adolescentes chupando o pau do coronel na farda de gala” (Noll 2008: 25).

Tal possibilidade imaginativa de sexualidade está relacionada com a visão de mundo judaico-cristã. João Imaculado era ateu: “foi pensando nisso, por aquele corredor gélido, que cheguei a meu quarto sem mais acreditar em Deus . . . , enfim, eu era ateu” (Noll 2008: 15-16). Essa ruptura com a tradição judaico-cristã é analisada por Fazioli (2008) em *Fúria do corpo* sobre a tensão entre o profano e o sagrado, entre o discurso grotesco e o polido na obra nolliana. A própria sexualidade do personagem questiona a visão judaico-cristã, já que a homossexualidade é considerada um pecado contra o corpo e contra Deus e não é tolerada como uma escolha ou um estilo de masculinidade, como pressupõe Carrara (2009).

A identidade masculina de João Imaculado está vinculada a sua orientação sexual, dividida entre a heterossexualidade e homossexualidade. O personagem vive a tensão de uma masculinidade problemática (Giddens 1993), condicionada, principalmente, por fatores de ordem social, como por exemplo, o medo de assumir sua masculinidade homossexual, e de que isso afete aos seus próximos, principalmente, o filho adolescente. Em relação à Clara, sua esposa, o personagem não se sente ligado a ela por traços afetivos, mas pela atração física, e, novamente, pela imposição social da heterossexualidade, como diria Butler (2003) uma heterossexualidade compulsória.

É justamente nesse ponto a crise de João Imaculado: aceitar sua condição de homossexual ou continuar desempenhando o papel de esposo, e pai de um filho adolescente,

se dependesse de mim, contudo, eu queria foder com todos os homens do mundo e com meia dúzia de mulheres [...] Afinal, tinha um filho adolescente que eu não queria que soubesse antes da hora [...] Dormíamos em camas separadas, se bem que no mesmo quarto. O dormir no mesmo quarto representava a construção de um quadro familiar sólido, diante do filho adolescente. (Noll 2008: 18)

A confusão de João Imaculado se encontra na dificuldade de delimitar sua própria identidade pessoal, ligada a sua orientação sexual homossexual, pois seu nome masculino não é o suficiente para identificar a sua masculinidade. João Imaculado sente-se ora homem ora mulher, e essa dúvida é transposta ao texto, à medida que na narrativa do personagem, às vezes, utiliza-se o pronome feminino, outras o pronome masculino para referir-se a si próprio(a). João Imaculado tem consciência de como a sexualidade é primordial para a sua personalidade, pois segundo ele “naquele tempo [início da adolescência], já desconfiava de que seria um adulto famélico por sexo . . . [e precisava] sair do seminário, do armário” (Noll 2008: 12) e sabia também que identificações de masculinidade, de sexualidade e de gênero eram, para ele, problemáticas: “aí vai esse homem que sou entrando no banheiro, e eu próprio o assimilo a cada dia mais um pouco, assim cedo da manhã sentado no vaso sanitário como sempre” (Noll 2008: 51).

Sua identidade masculina homossexual se constitui na relação com o engenheiro, um dos personagens do livro com o qual João Imaculado mantinha um relacionamento e por quem estaria disposto a qualquer coisa: “ele poderia me querer como homem, como mulher, os dois ao mesmo tempo” (Noll 2008: 55-56). O personagem percebe o gênero vinculado ao sexo, ao seu corpo masculino, diferentemente do que é concebido pela crítica atual (Butler 2003; Carrara 1999, 2009; Heilborn 1999 e Heilborn & Brandão 1999), visto que, apesar de sentir desejos sexuais por outros homens, sobretudo, pelo engenheiro, João Imaculado se recusa a assumir o corpo feminino:

um homem que funcionaria como uma esposa dentro de casa. Um cara fodão à noite, varando o engenheiro até seu caroço. [...] O engenheiro tinha uma mulher que à noite lhe introduziria um cacete doído de bom. Pois essa mulher era eu. Precisava me acostumar com a situação. [...] E isso que eu me considerava um homem razoavelmente viril. Meu registro de baixo. Alguma malhação. Músculos para o gasto, pêlo na perna. Quem manda eu me apaixonar por esse homem desde sempre. (Noll 2008: 95)

A tensão de João Imaculado torna-se extrema quando se inicia, não se sabe como nem o porquê, a transmutação de seu corpo masculino em feminino, inclusive de suas genitálias:

eu precisava aprender a empunhar uma arma. Os homens da Polícia Federal deveriam estar apertando o cerco. Mas como para pegar em armas se fazia necessário estar com o meu sexo concluído, estabelecido e confirmado de uma vez por todas. Como poderia um ser de sexo inconcluso usar a arma com lógica? Afinal, o cara de sexo impreciso tende a ser confuso, inoperante, com uma rarefação mental digna de sua indeterminação genital. (Noll 2008: 197)

João Imaculado vive uma crise de identidade, sem saber qual era seu gênero: “ali, eu às vezes era mais mulher que muitas outras. De repente poderia acordar me sentido mais homem que nunca [...]. Temia que minha vida pudesse desandar. Ia me constituindo em uma mulher no conteúdo de um homem” (Noll 2008: 100, 108). De acordo com Tarnovski (2004), como já foi citado, assumir a homossexualidade não é tarefa das mais fáceis, já que é necessário aceitar-se como homossexual em primeiro lugar, para depois revelar essa identidade aos demais atores sociais. Assim, para João Imaculado, a forma de assumir sua masculinidade seria por meio da homossexualidade, com a qual ele não sabe como agir. O protagonista, em processo de transmutação de gênero ainda não consegue se identificar com nenhum deles:

me perguntava se queria de fato me converter ao outro sexo [...]. Mas não me sentia ainda preparada para ser fêmea de vez [...] Acudiu-me a ideia de que essa privação serviria de merecimento para a minha alforria da condição feminina, ou mesmo da masculina. Não haveria uma terceira condição? [...]. Já podia passar como mulher em qualquer triagem de gênero (NOLL, 2008: 110, 155, 187).

Desse modo, a masculinidade e suas relações com a sexualidade estão vinculadas tanto na construção da identidade masculina homossexual de João Imaculado, quanto na construção de sua identidade masculina heterossexual, casado com uma mulher e pai de um adolescente, constituindo-se como um embate que o protagonista anseia por resolver, mas não se sente capaz. Ao final, ele não se sente pertencente a nenhuma identidade claramente definida e, talvez, por isto, somente depois de morto, ele começa a viver.

OBRAS CITADAS

BÉJIN, André. 1986. “O poder dos sexólogos e a democracia sexual.” Phillipe Ariés & André Bénjin, orgs. *Sexualidades ocidentais*. 2. ed. Minas Gerais: Brasiliense. 210-235.

BOURDIEU, Pierre. 1999. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- BOURDIEU, Pierre, Alfonso Hernández Rodríguez & Rafael Montesinos. 1998. *La masculinidad: aspectos sociales y culturales*. Quito-Ecuador: Edições Abya-Yala.
- BARCELLOS, José Carlos. 2009. "Masculinidade e modernidade em Camilo Castelo Branco." *Matraga* (Rio de Janeiro) 16.25 (jul/dez): 54- 73.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CAMINHA, Adolfo. 1983. *O bom crioulo*. São Paulo: Ática.
- CARRARA, Sérgio. 1999. "Debates." Maria Luiza Heilborn, org. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- . 2009. *Masculinidades em crise no mundo atual*. Disponível em: <http://www.cpfl-cultura.com.br/site/2009/12/04/integra-masculinidades-em-crise-sergio-carrara/>. São Paulo: CPFL Cultura. Acesso em 22 de jun. de 2010.
- COSTA, Rafael Martins. *A ficção cíclica de João Gilberto Noll: uma leitura de Acenos e Afagos*. Disponível em <http://www.joaogilbertonoll.com.br/ResenhaAcenosEafagos.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2010.
- ELIAS, Norbert. 1994. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FAMÍLIA processa escola por exibição de 'Brokeback mountain'. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL37145-7086,00.html>. Notícia do dia 15/05/07. Acesso em 08 de jul. de 2010.
- FAZIONI, Michele Cristina dos Santos. 2008 *As tensões narrativas em A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll. Diss. PPG Letras - UFMS.
- GIDDENS, Anthony. 1993. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- HEILBORN, Maria Luiza & Elaine Reis Brandão. 1999. "Introdução: ciências sociais e sexualidade." Maria Luiza Heilborn, org. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 7-17.
- HEILBORN, Maria Luiza. 1999. "Construção de si, gênero e sexualidade." *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 40-59.
- LEE, Ang. 2005. *O Segredo de Brokeback mountain*. Estados Unidos: Focus Features.
- NOLASCO, Sócrates. 2001. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco.
- NOLL, João Gilberto. 1997. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Cia das Letras.
- . 2008. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro: Record.
- . *Entrevista a Entrelinhas*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qgoiYD8holg&feature=related>. Acesso em 24 de jun. de 2010.
- PROULX, Annie. *Brokeback Mountain*. Disponível em: <http://www.psicopatots.blogspot.com/>. Acesso 08 de jul. de 2010.

POLLAK, Michael. 1985. "A homossexualidade masculina: ou a felicidade do gueto?" Philippe Ariés & BÉNJIN, André Bénjin, org. *Sexualidades ocidentais*. Minas Gerais: Brasiliense.

SENNET, Richard. 1988. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. 2004. "Pai é tudo igual?": significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais." Adriana Plscitelli, Maria Filomena Gregori & Sérgio Carrara, orgs. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Gramond. 385-414.

SEXUALITY AND CONFLICTING IDENTITIES IN *ACENOS E AFAGOS*, BY JOÃO GILBERTO NOLL

ABSTRACT: One of the main themes of *Acenos e afagos* (2008), by the writer Joao Gilberto Noll, is the uncertain identity of the character João Imaculado. Narrowly linked to sexuality, this identity in the novel is described as disturbing experiences for it is not focused on neither heterosexuality nor homosexuality. The character lives the tension of a problematic masculinity, as suggested by Giddens (1993) at the same time determined and conditioned by interactions who define him as a husband, an adolescent's father and a homosexual partner. We want to show in this article dedicated to understand this theme in the Noll's novel that it is part of a larger contextualization of sexuality in contemporary societies, of which the Brazilian literature participates as imaginative constructs about these conflicting possibilities.

KEYWORDS: homosexual identity; masculinity; João Gilberto Noll.

Recebido em 15 de julho de 2010; aprovado em 30 de outubro de 2010.